

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: O LUGAR DA MEMÓRIA, DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE NA NARRATIVA, **OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTO**, DE J. J VEIGA

BETWEEN MEMORY AND IMAGINATION: THE PLACE OF MEMORY, SPACE AND IDENTITY IN **OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTO** BY J.J VEIGA

Nivaldo Fávero Neto<sup>1</sup>  
Oziris Borges Filho<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa a análise o conto, **Os Cavalinhos de Platiplanto** (1959), de José Jacinto Veiga (1915-1999), tendo em vista as perspectivas memorialísticas, espaciais e identitárias. Configuradas sob o viés do absurdo, a tessitura narrativa de Veiga explora de forma ampla as complexidades do ser criança imerso num mundo de realidades latentes. Dessa forma, pelo apelo à dimensão imaginária dos sonhos, o narrador do conto é transportado para um espaço onde seus traumas são superados e que lhe proporciona o entendimento das questões que perpassam a existência humana. Assim, propomos aqui uma análise que visa contemplar o processo de formação identitário infantil frente às adversidades, levando se em conta o papel da memória e do espaço.

**Palavras-chave:** Memória; identidade; espaço; imaginário infantil.

**Abstract:** This paper aims the analysis of the short story, **Os Cavalinhos de Platiplanto** (1959), written by José Jacinto Veiga (1915-1999), bearing in mind the theories concerning memory, space and identity. Set under the bias of the absurd, it broadly explores the complexities of being a child immersed in a world of latent realities. Thus, by appealing to the imaginary dimension of dreams, the narrator is transported to a place where he can overcome his traumas and that gives him the understanding of issues that underlie the human existence. Therefore, we propose here an analysis that aims to consider the process of identity-formation of a child, taking into account the role of memory and space.

**Keywords:** Memory; identity; space; childish imaginary.

## Considerações Iniciais

A primeira coletânea de contos de J. J Veiga (1915-1999) a ser publicada foram **Os Cavalinhos de Platiplanto** (1959), que por meio de uma tessitura narrativa apoiada na dialética do fantástico e do maravilhoso, discorre sobre as reminiscências de

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Catalão. E-mail: [netofavero@hotmail.com](mailto:netofavero@hotmail.com)

<sup>2</sup> Prof. Adjunto da UFTM e professor do Mestrado em Estudos da Linguagem UFG-Catalão. Bolsista PET. [oziris@oziris.pro.br](mailto:oziris@oziris.pro.br)

uma infância inocente e cheia de acontecimentos de tirar o fôlego. O título do livro se estende a um dos contos que o compõe, e que será aqui, nosso objeto de estudo.

Na narrativa **Os Cavalinhos de Platiplanto**, J. J Veiga nos introduz ao peculiar mundo de um narrador-criança que tem no avô a figura do herói imbatível, e que sempre está pronto a vir em seu regate e realizar todos os seus desejos, mesmo que esses sejam os mais improváveis possíveis, como possuir exóticos cavalinhos. Mas esse avô, vitimado pela implacabilidade do ciclo da vida, tem sua trajetória encurtada e deixa seu neto desamparado frente a processos decisivos em sua vida, como a aceitação da doença e da morte, as complexidades do crescimento e o entendimento do mundo como algo que transcende a simplicidade da infância.

Esse narrador-criança, que é impelido a vivenciar o dissabor da vida e do mundo, escapa da desordem da realidade através da promessa do avô, pela imaginação da existência dos misteriosos cavalinhos que habitam um lugar mágico e desconhecido, chamado Platiplanto. A fuga para esse mundo idealizado proporciona ao narrador um motivo para viver, como se a memória do avô permanecesse viva através do sonho, repousando na existência mítica desse lugar e dessas criaturinhas.

A malha fantástica criada por Veiga nesse conto é o que proporciona a nítida divisão existente entre as personagens, de um lado temos o reflexo da realidade pungente (o mundo adulto) e de outro, a possibilidade de um cotidiano fabular, localizado num espaço “entre-mundos” (o mundo infantil). A narração feita em primeira pessoa e por um narrador-criança dá credibilidade ao modo fantástico, que inerente ao labirinto imaginativo infantil, proporciona a percepção de uma realidade suspensa na fantasia, que adentra o mundo das irrealidades, onde o onírico é privilegiado enquanto base norteadora da existência. E é desta maneira que a tessitura narrativa de J.J Veiga nos chama a atenção, pois oferece uma ampla visão das complexidades que nos cercam através do prisma identitário e memorialístico infantil, que não sendo posto em condição de inferioridade, é capaz de oferecer a possibilidade de reordenação do mundo com base no retorno a uma esfera mítica, onde o insólito é imperativo. A repentina doença do avô instabiliza o narrador, que tenta escapar, por meio da fuga para um lugar só seu, onde lhe é permitido entender, a seu próprio tempo e modo, esse estranho e absurdo dinamismo que rege a existência humana.

Com uma linguagem simples e descomplicada, o autor dá voz às inquietudes do indivíduo frente às mudanças que a vida lhe impõe já na infância por meio da instauração do elemento fantástico que se posiciona na narrativa como mecanismo

ativador de um processo de autoconhecimento, que através da fantasia, constrói uma realidade própria, baseada nas experiências e impressões do mundo adulto.

## **O lugar da Memória, do Espaço e da Identidade**

Em **Os Cavalinhos de Platiplanto**, notamos a injunção de espaço, memória e identidade, que em harmonia com os demais elementos narrativos, nos chamam a atenção para uma análise aprofundada, que visa, primordialmente, enquadrar a função dessa tríade posta frente a um texto que se volta às complexidades da infância por meio da valorização do imaginário, como o próprio narrador nos diz: “O meu primeiro contato com essas simpáticas criaturinhas deu-se quando eu era muito criança” (Veiga, 1997, p. 27).

Esse narrador volta-se à memória de quando era “muito criança” para relembrar seu contato com Platiplanto, com os cavalinhos que lá habitavam, e logo, resgatar a lembrança do avô, parte fundamental em sua história. Essa memória narrativa não só lhe permite recordar um passado no qual a figura do avô era presente, mas também revivê-lo num processo de reconhecimento e entendimento, assim vemos:

A recordação, como resgate do tempo, confere desta forma imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem esta re-atualização. Traz de novo a presença dos deuses, os feitos exemplares que forjam os Heróis e que perseguimos ainda hoje como modelos exemplares, nos colocam novamente em presença das tradições dos Antepassados que nos tornaram o que somos. (ROSÁRIO, 2002, p. 02)

Ou seja, através da recordação do avô e de um tempo mágico, o narrador se (re) posiciona no mundo, se apoia sobre o plano mítico de suas origens e dessa forma, é motivado a compreender a amargura da realidade, ainda que já na idade adulta. Dessa forma, ele mesmo nos diz:

Quando a gente é menino parece que as coisas nunca saem como a gente quer. Por isso é que eu acho que a gente nunca devia querer as coisas de frente por mais que quisesse, e fazer de conta que só queria mais ou menos. Foi de tanto querer o cavalinho, e querer com força, que eu nunca cheguei a tê-lo. (VEIGA, 1997, p. 28)

O narrador rememora e reinterpreta suas atitudes quando criança. Fixo na promessa feita pelo avô, que iria presenteá-lo com o cavalinho dos seus sonhos, a personagem se frustra terrivelmente com a possibilidade de não vir a tê-lo. Essa

frustração pode ser observada no entrechoque da realidade da vida adulta e o mundo infantil, o qual se sustenta em uma ordenação mítica e fantasiosa da realidade, que faz uso do absurdo para expor as relações sociais que vem na contramão da condição essencial do existir humano.

A estrutura da narrativa de **Os Cavalinhos de Platiplanto** se debruça sobre elementos que transcendem a mera função de pormenores literários e se deslocam da margem para o centro, como é o caso do espaço e das questões de memória e identidade.

No conto, notamos que o espaço se torna um elemento privilegiado, pois esse não é simplesmente o local físico das ações, mas adentra os domínios do sonho e do imaginário infantil, é dessa forma, criado à imagem e semelhança dos desejos mais profundos do narrador. A respeito disso, (Bachelard, 1978, p. 207) nos diz:

Que privilégio de profundidade há nos sonhos da criança! Feliz a criança que possui, realmente, as suas solidões! É bom, é são que uma criança tenha suas horas de aborrecimentos, que conheça a dialética do brinquedo exagerado e dos aborrecimentos sem causa, aborrecimentos puros.

Esse espaço onírico, situado no limiar do real e do irreal infantil, se constitui como o mecanismo de escape que esse narrador tem em meio à frustração de enfrentar a doença e ausência do avô e, por conseguinte, a impossibilidade de possuir o cavalinho. Nesse lugar, todas essas frustrações são atenuadas, pois é somente lá, em Platiplanto, que a memória do avô e os cavalinhos habitam. Fora desse espaço, a lembrança do querido avô Rubem é reduzida à ganância e remetida às questões estritamente financeiras, pois o tio malvado, Torim, já logo queria se apossar da fazenda Chove-Chuva e tudo que nela continha.

O tempo passava e vovô Rubem nada de voltar. De vez em quando chegava uma carta de tio Amâncio, papai e mamãe ficavam tristes, conversavam coisas de doença que eu não entendia, mamãe suspirava muito o dia inteiro. Um dia tio Torim foi visitar vovô e voltou dizendo que tinha comprado o Chove-Chuva. Papai ficou indignado, discutiu com ele, disse que era maroteira, vovô Rubem não estava em condições de assinar papel, que ele ia contar o caso ao juiz. Desde esse dia, tio Torim nunca mais foi lá em casa, quando vinha à cidade passava por longe. (VEIGA, 1997, p. 29)

Assim, vemos que a fuga do narrador para esse espaço idealizado é uma tentativa de compreensão e aceitação da realidade angustiante que o cerca. Os reinos do imaginário são acessíveis à criança, ela tem livre acesso ao mundo maravilhoso do

sonho, onde tudo é recriado e reelaborado conforme sua própria vontade e necessidade. A angústia e solidão sentida pela personagem são traduzidas em um novo espaço, habitado por novos seres, novas pessoas. Esse espaço “novo” é por si só, dinâmico, pois é capaz de mobilizar as diversas camadas do ‘eu’, desvelando uma identidade até então desconhecida, capaz de dar significação a própria vida e proporcionar a possibilidade de reordenação do mundo que o cerca, assim, Bettelheim (1998, p. 12) pondera: “A criança precisa de ideias sobre como por a casa interior em ordem e, nessa base, conseguir dar sentido à sua vida”.

E é nesse espaço suspenso em uma atmosfera onírica que o narrador irá realizar seu desejo, e que irá perdurar em sua memória para sempre. O texto de Veiga consegue através do jogo harmônico entre forma e conteúdo, convergir a significância completa de seu tema, o confronto latente entre mundos, infantil e adulto, com todas suas particularidades e complexidades. A categoria espacial no conto dialoga com as demais estruturas narrativas e como Borges Filho (2007, p. 13) aponta, existe uma característica interdisciplinar do espaço no texto literário, que exige do estudioso, pesquisas nas áreas da geografia, da filosofia, da história, da arquitetura, etc. Segundo o autor, os estudos que perpassam essas áreas proporcionam uma visão mais ampla a respeito da problemática e compreensão do espaço, principalmente no que concerne à literatura, que nada mais é do que a investigação do ser e sua respectiva relação com o mundo que o cerca.

Por muito ofuscada pelas análises de categorias temporais, o espaço, nas últimas décadas, tem sido revalorizado, pois, como coloca Dimas (1994, p. 5), o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, como o foco narrativo, a personagem, e o tempo. E é exatamente isso que notamos em os **Cavalinhos de Platilanto**, pois todos os elementos se coadunam de forma a imprimir no conto uma atmosfera insólita, introduz justamente a prática do estranhamento e da hesitação perante o desconhecido, como Todorov (2010, p. 36-37) postula ao descrever o espírito da ficção fantástica.

O modo fantástico na narrativa de Veiga cria o efeito de sentido particular ao sonho, transpõe ao texto literário a atmosfera lúdica e maravilhosa que circunda o imaginário da criança. Nessa perspectiva, percebemos que esse imaginário infantil não é rebaixado à mera função de entretenimento, mas ao contrário, ele serve como modelo de um possível restabelecimento das relações sociais. A criança, assim como todo ser humano, possui sensibilidade perante os acontecimentos, e assim, é capaz de voltar a si mesmo, num processo auto-reflexivo que por muitas vezes se dá pela fuga/ou busca por um lugar ideal onde encontre sua verdadeira identidade. Ou seja, é pelo imaginário, parte

fundamental da etapa de crescimento e amadurecimento humano que a personagem protagonista de **Os Cavalinhos de Platiplanto** enfrenta as situações de mais impacto em sua vida, superar a ausência do avô, e é recorrendo à esse 'imaginário', que tem o poder de recriar a realidade, que ele contempla sua existência já na vida adulta.

A relação entre o avô e o narrador vai além dos laços impostos pela consanguinidade. O avô é o herói e protetor que sempre vem ao socorro desse narrador, que sempre se volta a essa figura paternalística e defensora. O episódio que desencadeou toda a trama do conto gira em torno de um pé machucado. O avô é o único que consegue convencer o protagonista a deixar que o farmacêutico examine seu pé machucado, e esse convencimento não se estabelece por si só, ele vem acompanhado de uma promessa maravilhosa, de cavalinhos. A partir desse momento, o narrador não se define fora da existência do avô e nem de sua promessa, seu 'eu' encontra-se recluso no reflexo desse homem. Dessa forma, TADEU DA SILVA (2011, p. 64) pondera:

O infante chega a algum sentimento do "eu" apenas quando encontra o "eu" refletido por algo fora de si próprio, pelo outro: a partir do lugar do "outro". Mas ele sente a si mesmo como se o "eu", o sentimento do eu, fosse produzido - por uma identidade unificada - a partir de seu próprio interior.

E assim, esse narrador tenta se posicionar no mundo que o cerca, tenta refutar e compreender a vida por meio do sonho, o lugar intocado da memória, o espaço santificado pela existência dos cavalinhos prometidos pelo avô. Platiplanto, assim como o Chove-Chuva, a fazenda do avô, é o paraíso no qual, depois de vários infortúnios, o narrador se encontra, é espaço no qual ele se sente seguro e onde a balbúrdia da realidade não o alcança. Para chegar a essa terra mágica, o narrador nos descreve o trajeto por uma ponte, a qual ele ajuda a construir. Essa ponte não segue os padrões horizontais, mais sim verticais, como uma escada: "A gente chegava lá indo por uma ponte, mas não era ponte de atravessar, era de subir." (VEIGA, 1997, p. 29)

Segundo a toponálise proposta por Borges Filho (2007, p. 60), notamos a presença da coordenada espacial da verticalidade. A ponte não é feita para atravessar e sim para subir, o que causa certo desconforto no narrador, que se amedronta pela altura. "Eu subi até uma certa altura, mas desanimei quando olhei para cima e vi o tantão que faltava" (VEIGA, p. 29). O trajeto feito pela ponte simboliza o percurso existencial que o narrador tem de traçar. O caminho para Platiplanto representa a conexão entre o real e o imaginário, o sinuoso processo da jornada de introspecção pessoal que leva ao próprio

entendimento de si e do que o cerca, e isso, causa medo. Os buracos que deveriam ser tampados a qualquer custo representam as lacunas abertas, as feridas que precisavam ser curadas e superadas para se chegar ao amadurecimento: “A ponte coloca o homem sobre uma via estreita, onde ele encontra inexoravelmente a obrigação de escolher. E sua escolha o dana ou o salva” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p. 730).

Comecei a descer devagarinho para não falsear o pé, mas um dos homens me viu e pediu-me que o ajudasse. Era um serviço que eles precisavam acabar antes que o sol entrasse, porque se os buracos ficassem abertos de noite muita gente ia chorar lágrimas de sangue, não sei por que era assim, mas foi o que ele disse.” (VEIGA, 1997, p. 30)

Essa trajetória onírica que conduz o narrador até Platiplanto é o primeiro passo para a aceitação e compreensão dos fatos que invadiram sua vida, a doença e morte do avô, e não ter ganhado o cavalinho. Esse espaço, vem ao simultaneamente atenuar e inflamar o sofrimento, pois representa tudo aquilo que não já existe mais em um plano real, tem a missão de reestabelecer a ordem perdida, reestruturar o universo caótico em que o narrador se insere, “[...] the bridge is always symbolic of a transition from one state to another—of change or the desire for change<sup>3</sup>” (CIRLOT, 2001, p. 33).

Então, depois da travessia da ponte, a personagem se encontra com o menino do bandolim, o ajuda a superar seus traumas, e é assim, conduzida pela melodia à presença do major, o dono da fazenda Platiplanto. O major, assim como o avô Rubem, é considerado uma força que trabalha na defesa do garoto, pois assim que ele chega à Platiplanto o adverte:

— Graças a Deus! disse ele.—Como foi que você escapuliu deles? Vamos entrar. — Ninguém estava me segurando —respondi.  
— É o que você pensa. Então não sabe que os homens de Nestor Gurgel estão com ordem de pegar você vivo ou morto?  
Meu tio Torim? O que é que ele quer comigo? — É por causa dos cavalos que seu avô encomendou para você. São animais raros, como não existe lá fora. Seu tio quer tomá-los (VEIGA, 1997, p. 30).

A partir desse momento, o menino se depara com uma piscina de ladrilhos de água cristalina rodeada por um pátio e também por arquibancadas e segundo o major, estava na hora do banho dos cavalinhos. O sonho do narrador estava prestes a se realizar, pois além de ver os cavalinhos, ele os possuía, seu querido avô os tinha

---

<sup>3</sup> A ponte é sempre simbólica da transição de um estado para o outro – de mudança ou de desejo de mudança. (tradução nossa)

encomendado especialmente para ele. E assim um clarim tocou e o espetáculo estava para começar, as arquibancadas lotaram de gente vinda de todo canto e os cavalinhos multi coloridos começaram a aparecer por detrás das árvores e a se posicionarem a beira da piscina. Era um espetáculo de se ver:

Do meio das árvores iam aparecendo cavalinhos de todas as cores, pouco maiores do que um bezerro pequeno, vinham empinadinhos marchando, de vez em quando olhavam uns para os outros como para comentar a bonita figura que estavam fazendo. Quando chegaram à beira da piscina estacaram todos ao mesmo tempo como soldados na parada. Depois um deles, um vermelhinho, empinou-se, rinchou e começou um trote dançado, que os outros imitaram, parando de vez em quando para fazer medidas à assistência. O trote foi aumentando de velocidade, aumentando, aumentando, e daí a pouco a gente só via um risco colorido e ouvia um zumbido como de zorra. Isso durou algum tempo, eu até pensei que os cavalinhos tinham se sumido no ar para sempre, quando então o zumbido foi morrendo, as cores foram se separando, até os bichinhos aparecerem de novo. (VEIGA, 1997, p. 31)

E o banho foi um célebre acontecimento que a todos encantava: “Os cavalinhos pulavam n’água de ponta, de costas, davam cambalhotas, mergulhavam, deitavam-se de costas e esguichavam água pelas ventas fazendo repuxo” (VEIGA, 1997, p. 31). O mergulho dos cavalinhos na piscina cristalina marca o fim do sonho e simultaneamente representa a permanência de tal fato na memória. Nesse sentido onírico, a água simboliza a eternidade, dessa forma, a imersão dos cavalinhos na piscina representa a permanência dessas criaturas no território sagrado na memória. O desejo de possuir o cavalinho era tão forte que a sensação do sonho se torna real e já não é mais possível identificar até que ponto o imaginário cessa de repercutir na realidade. No espaço onírico, o avô não se esqueceu da promessa, e fatalidade da doença não o impossibilitou de proporcionar ao neto seu desejo.

Porém, tal acontecimento maravilhoso não pode ser compartilhado com ninguém, pois o indivíduo adulto não transita pelas terras da imaginação como a criança, e talvez pudessem não entender. Com isso, o narrador se sente inseguro e chega à conclusão de que tal acontecido deva ser guardado só para ele:

Pensei muito se devia contar aos outros, e acabei achando que não. Podiam não acreditar, e ainda rir de mim; e eu queria guardar aquele lugar perfeito como vi, para poder voltar lá quando quisesse, nem que fosse em pensamento (VEIGA, 1997, p. 31).

Os elementos presentes no espaço onírico do conto aqui estudado, a memória, e identidade, têm a função de contribuir para que a personagem atinja a maturidade e



possa assim, lidar com as imposições que, às vezes, nos são atribuídas. Isto posto, o percurso iniciado com a passagem pela ponte até o encontro com os cavalinhos leva o narrador à superação de seu conflito, e sua escolha de travessia através do sonho, implica esta superação.

### **Considerações Finais**

Configurado sob um sólido modo literário, o conto de J. J Veiga aborda temas cotidianos sob a óptica memorialística e identitária infantil, que é capaz de captar o vasto enredamento da existência humana.

Ao ler e analisar o conto, observamos que as situações vividas pelo menino-narrador acontecem num mundo propriamente real, mas que transcende essa realidade avassaladora através de fatos inexplicáveis ocorridos em Platiplanto. Portanto, olhar para a narrativa de J. J Veiga sob a perspectiva espacial, memorialística e identitária, é contribuir para a fortuna crítica acerca dessa obra, que abrange de forma completa, os dois eixos no qual a literatura se sustenta, o da forma e do conteúdo e que por meio de uma linguagem cotidiana, mas engenhosa, é capaz de traduzir e transmitir dramaticidade dos conflitos que perpassam as relações humanas.

### **Referências:**

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasil, 1999.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BORGES FILHO, Oziris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão gráfica editora, 2007.

CIRLOT, J.E. A Dictionary of Symbols. Translated from the Spanish by Jack Sage. London: Routledge, 2001.

DIMAS, Antônio. Espaço e Romance. São Paulo: Ática, 1985.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira. O Lugar Mítico da Memória. Morpheus - REVISTA ELETRÔNICA em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura Fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VEIGA, José J. Os cavalinhos de Platiplanto. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.